

A Cultura Popular na Mídia Regional: Um Exame da Edição do Cordel no Programa "Memória do Nordeste" da TV Diário¹

Bruna Franco Castelo Branco CARVALHO²

Maria Érica de Oliveira LIMA³

Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE

Resumo

O artigo pretende compreender a maneira como a cultura do cordel foi explorada pelo Programa *Memória do Nordeste*, pertencente à emissora de televisão *TV Diário*, da cidade de Fortaleza, estado do Ceará; na intenção de perceber como acontece a relação atual entre a cultura popular e a mídia local regional, compreendendo o espaço disponível daquela dentro do meio de comunicação televisivo. Compete-nos analisar de maneira descritiva e detalhada como este formato da expressão da cultura popular nordestina foi explorado e transmitido em uma edição produzida por um programa televisivo de caráter regional, construído no Nordeste, exibido semanalmente sob uma perspectiva de documentário e com alcance nacional e universal.

Palavras-chave: Cordel; Cultura popular; Mídia; *TV Diário*; *Memória do Nordeste*.

01. Introdução

O *Memória do Nordeste* é um programa televisivo produzido pela *TV Diário* que trabalha com a perspectiva de documentário. Recentemente deixou a grade de programação oficial da emissora, mas atuou durante sete anos com exibição semanal abordando os mais diferentes temas e assuntos referentes ao Nordeste brasileiro, tais como a cultura, as personalidades relevantes, os movimentos políticos e sociais, a religiosidade, os períodos mais importantes, a música, a literatura e os costumes do

¹ Trabalho apresentado no GP Folkcomunicação, Mídia e Interculturalidade, XVIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante do curso de Mestrado do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará (UFC). E-mail: brunafanco19@gmail.com.

³ Professora do Curso de Comunicação da Universidade Federal do Ceará (UFC). E-mail: merical@uol.com.br.

povo local. Cada aspecto era apresentado a partir de cenas relevantes, depoimentos exclusivos, declarações de especialistas e estudiosos, entrevistas inéditas e fatos que marcaram a imagem e história da região. A cada exibição do programa eram explorados assuntos específicos definidos em pautas anteriores. A sua realização acontecia através de um minucioso processo de pesquisa e busca por arquivos relacionados ao assunto a ser retratado na semana. O tema do cordel, que nos interessa aqui, teve a oportunidade de ser transmitido por duas vezes na programação da emissora, em edições parcialmente distintas, o que nos levou, nesta ocasião, a investigá-lo na primeira edição.

02. Metodologia

Os estudos feitos aqui basearam-se na coleta de informações obtidas através de entrevista concedida pela apresentadora do programa *Memória do Nordeste*, bem como do recurso da análise de conteúdo detalhada da edição do programa em questão da *TV Diário*. O levantamento de conteúdo a partir de leituras acadêmicas e bibliográficas a respeito da temática da cultura popular e com inspiração na folkcomunicação, desenvolvida por Luiz Beltrão, em que “o folclore é o objeto de estudo, e a comunicação é a área de conhecimento, dentro das ciências humanas, que fornece os referenciais teóricos e metodológicos” (SCHMIDT, 2007, p. 34) à luz de autores como Jesús Martín-Barbero e Durval Muniz também serviram de suporte para o desenvolvimento deste trabalho.

03. A proposta regional da emissora *TV Diário*

A *TV Diário* é uma emissora de televisão cearense que pertence a um grupo de empresas de comunicação denominado Sistema Verdes Mares, com sede em Fortaleza, no estado do Ceará. A emissora foi inaugurada no ano de 1998 ainda com um alcance muito limitado e ganhou notoriedade maior somente a partir da transmissão de sinal via satélite no início dos anos 2000. As retransmissoras e posteriormente os receptores de antenas parabólicas foram importantes para levar o conteúdo da *TV Diário* aos municípios do interior do estado do Ceará e rapidamente a emissora expandiu seus horizontes através da adesão de um grande número de emissoras filiadas em outros estados, que contribuíram para a expansão de sua cobertura em praticamente todas as

regiões do país, sendo uma das redes de televisão que cresceu significativamente no Brasil nesse período, chegando inclusive a incomodar grandes e tradicionais redes de televisão nacionais em termos de índices de audiência⁴.

Sob o slogan de “A TV do Nordeste”, a emissora começa a operacionalizar suas atividades dentro de uma perspectiva regional. Ela apresenta uma programação baseada em produção quase que exclusivamente local, seja em programas jornalísticos ou de entretenimento que exploram a realidade da região Nordeste, focando, sobretudo no estado do Ceará, onde se localiza. O objetivo era fazer do canal um meio de comunicação para explorar prioritariamente o Nordeste e aproximar o povo nordestino utilizando uma linguagem ousada, coloquial, inovadora e regional, que falasse a língua do povo nordestino, com a qual as pessoas pudessem se identificar, que mostrasse aquilo que faz parte do cotidiano local e que fosse realmente construída por nordestinos.

Essa atitude com toque de coragem e ousadia por parte de seus idealizadores responsáveis pode ter trazido certo ar duvidoso ao sucesso da emissora para alguns mais tradicionalistas, mas os resultados mostraram que foi justamente a atitude de arriscar nesses aspectos mais inovadores que garantiu a boa aceitação do público telespectador e trouxe o investimento capital de empresários visionários do ramo da comunicação para esse novo modelo de fazer televisão dentro de um país ainda repleto de instituições conservadoras.

A *TV Diário* se apresenta como uma alternativa nova de se conhecer e entender o universo nordestino pelas lentes de suas câmeras. De acordo com Simone Moraes, essa nova opção de programação surgiu principalmente na intenção de aproximar os nordestinos que migraram de sua terra natal para viverem longe, fora de seus estados de origem ou mesmo fora do Brasil. O objetivo foi justamente ser uma “TV de casa”, que deixa os telespectadores à vontade, que mostra as nossas coisas, que transmite o nosso jeito de ser e de viver para quem está aqui e para quem é daqui, mas mora longe.

Há uma quantidade enorme de programas locais na emissora, os títulos são infinitos, os assuntos são variados e cada um deles atinge públicos distintos de acordo

⁴ Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/TV_Di%C3%A1rio. Acesso em: 04/06/17.

com o perfil de interesse de cada telespectador. Podemos afirmar que praticamente todos estes programas se propõem a trabalhar com a realidade da vida social do povo da região Nordeste, do estado do Ceará e da capital Fortaleza diante das abordagens que lhes são convenientes.

A maior parte da programação da emissora se utiliza da linguagem tipicamente coloquial, informal e extremamente regional. Esse tipo de apresentação impõe certa relação de proximidade entre a televisão e seu público. A pessoa que o assiste em casa muitas vezes tem a sensação de que já conhece há anos o seu interlocutor ou de que ele está ali pessoalmente para ter uma conversa informal, uma espécie de bate-papo pessoal enquanto saboreiam um “chá da tarde”. Essa postura dentro de um ambiente televisivo causava ainda estranheza por parte da população no início do século XXI, embora a agradasse. Até esse momento tínhamos uma televisão nacional bastante moldada a padrões fixos. O jornalismo tinha um formato amplamente fechado, as notícias tinham de ser transmitidas com ar de seriedade por parte dos jornalistas; os programas de auditório, por sua vez, eram um pouco mais espontâneos, mas não permitia tamanha liberdade aos apresentadores que deveriam se portar dentro das regras preestabelecidas pela emissora à qual pertencessem. A TV Diário chega a romper com essas normas e padrões tradicionais da televisão brasileira, conforme se verifica na apresentação de seus objetivos:

A TV foi lançada para mostrar o Nordeste com uma linguagem coloquial e um pouco distante dos ditames formais e pré-estabelecidas de outras emissoras; uma linguagem inovadora e diferente e que traduzisse a cultura e as necessidades do povo nordestino.⁵

Dado esse tipo de tratamento próximo com o telespectador, a *TV Diário* nos faz remeter algumas vezes ao estilo próprio do rádio, à forma como o locutor e radialista conduz o programa e atende os seus ouvintes. Há quem critique esse tipo tratamento por parte de alguns apresentadores da TV, pois acreditam que alguns exageram na irreverência e podem até chegar a mitificar a forma com que os nordestinos se comunicam entre si no seu dia-a-dia. Na emissora, trabalham algumas figuras bastante conhecidas do cenário local, que já alcançaram fama também no meio nacional. São artistas, atores, humoristas e demais representantes que contribuem para dar identidade

⁵ Disponível em: <http://tvdiario.verdesmares.com.br/noticias/arquivos/historia-da-tv-diario-1.1006352>. Acesso em 28/05/17.

regional à nossa televisão. Essas personalidades algumas vezes passam a ser encaradas como espécie de semi-celebridades para o público e imprensa local.

Diferentemente da maior parte das redes de televisão que operam atualmente no Brasil, a *TV Diário* é uma emissora que surge dentro de um período em que a televisão já estava estabelecida como principal veículo de comunicação de massa no Ceará e no país, em que há uma variedade de emissoras produzindo seus trabalhos a todo vapor; ao contrário do que acontecia no Ceará, por exemplo, nos anos iniciais da década de 1960, quando do estabelecimento da televisão no estado, conforme estudo realizado por Carvalho (2010):

Ao embalo de governos populistas e num quadro em que se acentuava a dependência externa, que o Brasil se vê na tevê com a pluralidade de sotaques e enfoques de uma produção local. Era apenas o começo. (CARVALHO, 2010, p. 10)

Conforme já citado anteriormente, a *TV Diário* surge no ano de 1998, quer dizer, quase na virada do século XX para o XXI. Nesse momento, o Brasil e o mundo vivem uma era de transformação radical e passam a lidar mais rapidamente com os recursos tecnológicos insurgentes do fenômeno da globalização. Assim, dentro dessa realidade e acrescido ao fato de se tratar de um novo empreendimento, a *TV Diário* precisava estabelecer estratégias para ganhar espaço dentro de um mercado já competitivo e para atrair e conquistar seu público-alvo. Algumas delas já foram citadas neste trabalho, como a forma de linguagem e o caráter regional de suas transmissões, mas surge um outro elemento que a diferencia das demais redes televisivas já atuantes no Brasil.

Por se tratar de uma emissora de televisão efetivamente local e voltada para a regionalidade, a *TV Diário* assume a responsabilidade de romper e quebrar com a estratégia de marginalização da imagem construída da região Nordeste pelas emissoras localizadas no Sudeste brasileiro, em sua maioria no eixo Rio de Janeiro-São Paulo; muitas delas sequer conhecem a nossa realidade, mas a transmitem nacionalmente sob uma visão preconceituosa como algo verídico e carregado de legitimidade. Muitas vezes, o discurso discriminatório proferido repetidamente torna-se uma verdade absoluta, e às vezes é preciso combatê-la da forma mais coerente possível, de modo a

evitar que tais discursos continuem a ser disseminados indistintamente. Sobre o espaço de apresentação do Nordeste na televisão, Durval Muniz (2011) comenta que:

Quando falamos na emergência de uma nova visibilidade e dizibilidade, falamos da emergência de novos conceitos, novos temas, novos objetos, figuras, imagens, que permitem ver e falar de forma diferenciada da forma como se via e dizia o sublunar, anteriormente. (ALBUQUERQUE Júnior, 2011, p. 34)

A modernidade, aliada ao processo de globalização, passa a orientar o cotidiano das sociedades que “não são estáticas, o dinamismo da vida as coloca na presença umas das outras” (ORTIZ, 1994, P. 74) e as tecnologias comunicacionais colaboram para essa troca entre culturas, e consequente e inevitavelmente para o choque cultural. As mídias, por sua vez, se configuram, para Durval Muniz (2011) como alimentadora das desigualdades sociais e culturais.

Dessa forma, as transmissões historicamente feitas sobre o Nordeste e o nordestino pelas emissoras nacionais de televisão, estimularam Durval Muniz (2011) a refletir e questionar o perpetuamento das falas a respeito do povo nordestino, e indaga o motivo de o Nordeste sempre significar, aos olhares e lentes da grande mídia, sinônimo de atraso, violência, seca, injustiça, miséria, folclore e fanatismo. O autor afirma que:

As reportagens sobre o Nordeste não são feitas para descobrir algo novo a seu respeito, mas reafirmar a sua imagem já estabelecida, que significa, ao mesmo tempo, reforçar a imagem construída para São Paulo, para o Sul, etc. (ALBUQUERQUE Júnior, 2011, p. 354)

Ele nos mostra que, por conta dessa recente construção midiática e imagética que “nordestinizou” o povo nordestino e sua região, foi possível a adesão desse tipo de pensamento pela mentalidade nacional e, infelizmente, o próprio nordestino permitiu a difusão dessa construção ao se colocar na condição permissiva de vítima e culpado pelo atraso “natural” de sua região, de vencido pela sua condição de “inferioridade” econômica e social em comparação com os estados “desenvolvidos” do Sul e Sudeste.

Durval Muniz (2011) critica a postura preconceituosa da mídia brasileira, que reproduz o Nordeste somente pela lente do atraso e do folclórico e contribui para aumentar as hierarquias identitárias, espaciais, econômicas, sociais e culturais do país.

Devemos criticar, por exemplo, a postura da mídia, não porque não vê nossa verdadeira face, ou mostra nossa verdadeira fala, mas por ter uma postura negadora da história, da mudança, por estar presa a uma visibilidade e dizibilidade do Nordeste que faz com que venham à região sempre em busca do folclórico, da miséria, da violência, da seca, até de cangaceiros, beatos e coronéis ainda no final do século XX. Não que a mídia não deva mostrar tais aspectos, mas também se perguntar por que ela não consegue enxergar ou escutar outras coisas na região. (ALBUQUERQUE Júnior, 2011, p. 353)

O autor conclui orientando como essa realidade pode ser alterada. Sugere que os estereótipos e preconceitos com relação aos nordestinos não sejam combatidos utilizando as mesmas ferramentas daqueles que diminuem a região, ou seja, sem reproduzir falas e discursos regionalistas ou separatistas, que contribuam para criar uma inversão e reconstrução de outras verdades absolutas. Orienta que primeiramente é preciso destruir o que se foi disseminado durante anos para permitir a emergência de novos conceitos e novas simbologias, conforme se verifica a seguir:

Temos de começar por destruir o Nordeste e o nordestino, assim como o Sul e os sulistas, como estas abstrações preconceituosas e estereotipadas, buscando conhecer as diversidades constitutivas de cada área e de cada parcela da população nacional e, o mais importante, nos preparando para suportar a diferença, para respeitá-la. (ALBUQUERQUE Júnior, 2011, p. 353)

Seguindo o pensamento de Durval Muniz, a *TV Diário* foi se consolidando como emissora regional com o passar dos anos. Ela se aperfeiçoou tecnicamente e se transformou em uma televisão mais moderna, mais profissional e mais dinâmica, com o jornalismo cearense que passa a atender às exigências da era da globalização e da informatização tecnológica, pois fazer telejornalismo no período inicial da televisão no estado representava ainda um grande desafio para os profissionais da imprensa, de acordo com Carvalho (2010).

Um desafio, esse de fazer telejornalismo em 1960. O talento tinha de recompensar a falta de recursos, na elaboração de um produto que tivesse boa cotação na categoria das trocas simbólicas. A notícia tinha de ser a grande atração. (CARVALHO, 2010, p. 68)

(...)

O desafio do telejornalismo, como o da tevê de um modo geral, é que as pessoas envolvidas tinham de aprender fazendo. Não existiam profissionais preparados com vivência de linguagem do novo veículo. O importante era manter o ritmo. (CARVALHO, 2010, p. 68)

Essa passagem demonstra que a *TV Diário* teve de acompanhar o processo de evolução da televisão local e recentemente passou a transmitir em HD digital e também passou por uma reciclagem de programação, cenários e formatos; ganhando inclusive, nova logomarca e novo slogan da emissora, a qual se considera hoje como sendo “A Cara do Nordeste”.

04. Apresentação do Programa *Memória do Nordeste*

O programa *Memória do Nordeste* está inserido em todo esse contexto apresentado de renovação da emissora adequada ao mundo globalizado e compreende a necessidade de apresentar ao público uma defesa da região Nordeste, sem ofender ou atacar outras culturas, nem promover discursos moralizadores, bairristas ou separatistas. A função do programa é mostrar que o Nordeste possui toda uma bagagem histórica, social, política, religiosa e cultural independente, que ajudou na construção do pensamento e caráter do cidadão nordestino.

O programa *Memória do Nordeste* esteve sete anos na grade de programação fixa da emissora de televisão TV Diário, sediada em Fortaleza – CE. Foi retirado do ar neste ano de 2018 por ocasião da nova programação em comemoração dos vinte anos de existência da emissora. Surgido no ano de 2010, por iniciativa do jornalista e diretor de jornalismo da casa, Roberto Moreira, o programa entrava no ar por 30 minutos todas as sextas-feiras às 20h30min, com reprise duas vezes na semana. O objetivo da criação deste programa, segundo informação da própria apresentadora Simone Morais⁶, foi especialmente explorar detalhadamente o quadro histórico, econômico, político e social do processo de construção da região Nordeste e da trajetória do povo nordestino. A definição oficial do programa disponível no portal da emissora explica que imagens, documentos, vídeos, arquivos e depoimentos permitem ao público resgatar a memória nordestina e valorizar a continuidade e preservação da cultura regional.

05. A edição sobre o Cordel

⁶ Simone Oliveira Morais Norões é natural de Fortaleza e jornalista do Sistema Verdes Mares de Comunicação. Trabalha como editora e apresentadora do programa *Memória do Nordeste*.

A primeira edição feita sobre o cordel dentro do programa *Memória do Nordeste* aconteceu no mesmo ano de sua estreia na *TV Diário* e data do dia 12 de outubro de 2010. Na ocasião, o programa foi dividido em três blocos, cada um abordando questões distintas sobre o tema. A partir da observação atenta desta edição, identificamos que o primeiro bloco contou com um tempo pouco superior a 14 minutos e tratou de uma apresentação geral do cordel com o apoio de comentários de professores de literatura e acadêmicos estudiosos do assunto. O segundo bloco, de 10 minutos, fala de pesquisadores que se dedicam a entender e estudar como os versos são elaborados dentro uma perspectiva especificamente mais literária, embora se comente também sobre outros assuntos paralelos referentes ao cordel. Já no terceiro e último bloco do programa, se questiona a vivacidade do folheto na atualidade, mostrando projetos de divulgação do cordel pelo Brasil e mundo afora, dentro de um tempo estimado em 13 minutos; totalizando 37 minutos e 33 segundos de programação cordelística na televisão, ultrapassando em mais de 5 minutos o tempo habitual disponibilizado para o *Memória do Nordeste* pela *TV Diário*.

Esse excesso do tempo da exibição não aconteceu à toa, visto a quantidade de material disponível para uso pela produção. Em entrevista, a apresentadora Simone Moraes confessa que trabalhar com o cordel não foi uma tarefa difícil em comparação com outros temas já abordados, devido, principalmente, à grande variedade de conteúdo a ser explorado sobre o assunto. Ela conta que foi necessário realizar, inclusive, uma seleção do material para ajustá-lo ao tempo do programa e ainda assim, essa triagem não foi suficiente para deixá-lo mais resumido. Na verdade, sobrou material para fazer uma segunda edição sobre o tema - a qual será analisada mais adiante. Após todas as tentativas de cortes para a redução dessa edição e diante da impossibilidade de minimizar o seu tempo, a produção do programa teve de procurar o setor de programação da emissora e solicitar mais tempo para a exibição. O pedido foi aceito pelo setor, segundo ela, devido ao fato de que a *TV Diário* possui uma grade de programação bastante maleável, que é planejada de acordo com a disposição e organização de cada dia.

Dessa forma, a edição do dia 12 de outubro de 2010 apresenta toda uma riqueza documental elaborada e desenvolvida anterior à sua exibição. São pesquisas de

conteúdos e imagens que dão destaque e relevância ao assunto explorado pelo programa. O texto inicia com uma breve apresentação e definição do que significa o cordel e da sua importância enquanto manifestação da literatura brasileira. A apresentadora comenta sobre a variedade temática com que o cordelista pode trabalhar dentro da sua capacidade criativa que lhe permite desenvolver rapidamente qualquer assunto estimulado apenas por um “mote” proposto por alguém que lhe desafie no âmbito das ideias. Ela, em tom de conversa e diálogo com o telespectador, pergunta como os versos são criados e quem são os colecionadores desta literatura, informando que “o universo da literatura escrita em versos” é o destaque do programa *Memória do Nordeste* deste dia. Observa-se durante toda a apresentação que há uma tentativa de estabelecer uma relação de proximidade entre o público e o programa; o que garante uma das características do que é o popular dentro da televisão, segundo artigo produzido por FRANÇA⁷ (2009) publicado no livro “Televisão e realidade”:

O destinatário convocado pelos produtos populares da televisão é, ao mesmo tempo, próximo e difuso. Próximo no sentido de que é convocado de forma quase pessoal, individualizada, familiar – é o ‘você’, meu amigo, minha amiga, meu igual; você que me escuta. Você, que merece todo respeito. Mas esse próximo é também o ‘qualquer um’: o perfil a quem este produto se endereça é difuso, pois é um perfil que deve conter o caráter ordinário de todos os cidadãos. (FRANÇA, 2009, p. 227)

O professor de literatura da Universidade Federal do Ceará (UFC), Leite Júnior, dá sua contribuição na sequência explicando sobre o surgimento do cordel, da sua origem trovadoresca nos tempos medievais e de sua tradição genuinamente oral, que utiliza o recurso da memorização para dar formato a este tipo de trabalho ainda realizado por aqui pelos cantadores profissionais; conforme nos apresenta o caráter da oralidade do cordel, o filósofo e pesquisador Jesús Martín-Barbero na seguinte passagem:

Trata-se de uma "leitura oral" ou auditiva, muito distinta da leitura silenciosa do letrado, tanto como dos modos de difusão e aquisição do que se lê. Porque ler para os habitantes da cultura oral é escutar, mas essa escuta é sonora. Como a dos públicos populares no teatro

⁷ Vera Regina Veiga França é formada em Comunicação Social / Jornalismo, com mestrado em Comunicação e doutorado em Ciências Sociais. Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFMG; coordenadora do GRIS (Grupo de Pesquisa em Imagem e Sociabilidade da FAFICH/UFMG). Atua nas áreas de Teorias da Comunicação, Comunicação e Cultura Midiática, Metodologia de Pesquisa em Comunicação. Fonte: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/busca.do>. Acesso em 29/03/17.

e ainda hoje nos cinemas de bairro, com seus aplausos e assobios, seus soluços e suas gargalhadas. Leitura, enfim, na qual o ritmo não marca o texto, mas o grupo, e na qual o lido funciona não como ponto de chegada e fechamento do sentido, mas ao contrário, como ponto de partida, de reconhecimento e colocação em marcha da memória coletiva, uma memória que acaba refazendo o texto em função do contexto, reescrevendo-o ao utilizá-la para falar do que o grupo vive. (MARTÍN-BARBERO, 1997, p.148)

ORTIZ (1992) ratifica em “Românticos e folcloristas” afirmando que a oralidade é o que dá o tom à formação das epopeias e poesias populares. Diz ele: “As histórias populares pertencem à tradição oral, elas são vestígios de um passado longínquo, e se sobressaem diante das tramas urdidas pela imaginação.” (ORTIZ, 1992, p. 24).

Paralelamente à fala do professor Leite Júnior, outra convidada para esclarecer questões sobre esse assunto foi a professora de literatura da Universidade Federal do Ceará (UFC), Elizabeth Dias Martins. Ambos vão falando alternadamente – e intercalados pela fala do texto da apresentadora – seguindo a lógica da dinamicidade televisiva do programa possibilitada pelos efeitos do trabalho da equipe responsável pela edição dos textos e imagens, conferindo certo ar de modernidade a este programa regional que preza pela preservação da cultura local, mostrando a tradição nordestina através da história que transmite da região, buscando inclusive, romper com a falsa ideia cristalizada mais fortemente até as primeiras décadas do século XX de que Norte e Nordeste são sinônimos.

A edição resgata e destaca nomes consagrados e tradicionais do gênero cordel ao longo dos tempos como Leandro Gomes de Barros, Francisco das Chagas Batista, João Martins de Athayde e Patativa do Assaré, que contribuíram enormemente para fortalecer e intensificar a cultura do cordel na região; comenta-se também sobre as histórias, títulos e personagens dos folhetos que tiveram destaque desde sempre e que são classificados como clássicos do universo da literatura de cordel; são eles: “A história do pavão misterioso”, “A Donzela Teodora”, “A história de Roberto do Diabo”, “As proezas de João Grilo”; este último foi o personagem responsável para a criação da história “Auto da Compadecida” escrito pelo romancista e dramaturgo paraibano Ariano Suassuna.

A comédia, a farsa e o realismo mágico, elementos presentes na produção cultural popular, notadamente no cordel, são agenciados por Ariano para, ao mesmo tempo, denunciar a miséria do Nordeste e repor a capacidade de rir, de sonhar, de imaginar uma sociedade ressacralizada. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 192 e 193)

As tradições do cordel nordestino, portanto, são exploradas pelo programa, sem esquecer, contudo, de analisá-las numa perspectiva atualizada e utilizando-se de modernos recursos visuais tecnológicos. É o caso de quando se comenta sobre o poeta Patativa do Assaré, enaltecido pelos entrevistados, que acreditam que ele é uma figura que, através de sua genialidade de poeta, se popularizou e conseguiu romper certas barreiras de preconceitos existentes acerca da cultura erudita e da cultura popular, abrindo as portas para levar o cordel e a poesia popular para os setores cultos, artísticos e urbanos da sociedade. Alguns de seus versos sirventês⁸ de denúncia da vida do nordestino com o sofrimento da seca foram musicados e disseminados Brasil afora, acompanhando as transformações sociais, políticas e econômicas do Nordeste e atualizando a tradição popular. Nesse momento, o programa trabalha com cenas reais do chão nordestino rachado pelo forte sol que o atinge e pela seca que o sufoca tão arduamente; e ao mesmo tempo aparece Luiz Gonzaga cantando “A triste partida”, de autoria do próprio Patativa do Assaré.

No terceiro bloco do programa se verifica a dimensão que o cordel vem assumindo a partir de projetos de divulgação desta poesia popular. O cordelista Arievaldo Viana é um dos responsáveis pela realização do projeto “Acorda cordel na sala de aula” e fala sobre o livro que leva o mesmo nome do projeto. Ele conta que a ideia inicial era a criação de uma apostila em que constassem os aspectos relevantes da história e estrutura do cordel, levando uma mensagem educativa para o conhecimento das crianças das escolas, mas esta foi ganhando um volume tão grande que ficou inviável reproduzi-la como apostila, por isso ela ganhou formato de livro e hoje já atingiu várias edições.

Dessa forma, é visível que o programa busca articular o tradicional e o moderno em seu conteúdo de uma forma bastante atrativa. A respeito da relação entre tradição e modernidade, entendemos que ambos se complementam na medida em que as

⁸ Estilo de poesia popular proveniente da escola trovadoresca de caráter satírico e crítico nas esferas social, política ou moral.

práticas, os símbolos e rituais característicos de um passado pertencentes à tradição popular não são absolutamente estáticos ou imutáveis, eles podem ser reinventados, remodelados e acrescidos de significados, a partir das gerações que se sucedem; desconsiderando dessa forma, a ideia de quebra ou ruptura profunda entre modernidade e tradição e reconhecendo, pois, uma relação de continuidade e reformulação entre ambos, conforme avalia Giddens (1991) em “As consequências da modernidade”:

A tradição não é inteiramente estática, porque ela tem que ser reinventada a cada nova geração conforme esta assume sua herança cultural dos precedentes. A tradição não só resiste à mudança como pertence a um contexto no qual há, separados, poucos marcadores temporais e espaciais em cujos termos a mudança pode ter alguma forma significativa. (GIDDENS, 1991, p. 38)

Sobre esse aspecto, Durval Muniz (2011) acredita que o ideal seria conciliar o moderno e o tradicional para evitar uma ruptura mais radical com o passado. Para ele, “o Nordeste devia se modernizar sem perder o seu caráter, leia-se, sem ter modificadas as suas relações de dominação.” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 158). O autor costuma associar o tradicionalismo nordestino a relações sociais de dominação e poder, conforme articula-se os conceitos de Bourdieu, na região. Para ele, somos frutos de uma cadeia de tradições culturais que foram inventadas historicamente para a garantia da manutenção e perpetuação de privilégios para a classe burguesa local, que tenta, principalmente em períodos de transformações políticas e econômicas, encontrar equilíbrio entre a antiga e a nova ordem vigente para impedir uma descontinuidade histórica. Ele sugere que a busca pela criação da tradição promove o estabelecimento da identidade regional, que surge a partir de:

dois processos de universalização que se cruzam: a globalização do mundo pelas relações sociais e econômicas capitalistas, pelos fluxos culturais globais, provenientes da modernidade, e a nacionalização das relações de poder, sua centralização nas mãos de um Estado cada vez mais burocratizado. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 90- 91)

(...)

Não é à toa que as pretensas tradições nordestinas são sempre buscadas em fragmentos de um passado rural e pré-capitalista; são buscadas em padrões de sociabilidade e sensibilidade patriarcais, quando não escravistas. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 91)

O programa é finalizado a partir da conclusão feita pela narração da apresentadora, intercalada com as falas de cada um dos entrevistados, em que é possível constatar que o cordel tem ainda sua importância e funcionalidade social dentro do Nordeste e que esta poesia é entendida por eles como elemento representativo da nossa cultura popular.

06. Considerações finais

O presente trabalho demonstrou como a poesia em cordel foi abordada pelo programa *Memória do Nordeste* e analisou as formas como a cultura do cordel - que podemos afirmar que envolve literatura, música e um conjunto de práticas culturais vinculadas a um regionalismo sertanejo popular - foi trabalhada em um meio de comunicação como a televisão. Mostramos que o cordel, assim como no passado, possui no presente, uma força de destaque no quadro daquilo que se convencionou chamar de elementos culturais típicos da região Nordeste do Brasil.

Gostaríamos de ressaltar que a emissora *TV Diário* exibiu, cinco anos mais tarde, mais uma nova edição abordando a literatura de cordel e os demais aspectos que o envolvem dentro do Programa *Memória do Nordeste*, contribuindo não só para a preservação, mas também para a ampliação do conhecimento da cultura regional nordestina para os seus telespectadores. Além disso, julgamos importante dizer que, para além da análise feita neste trabalho, há ainda uma extensa série de programação local na *TV Diário* que também lida com aspectos relacionados à cultura regional nordestina.

Com os recursos do uso de imagens e depoimentos exclusivos, especialmente para apreciação das novas gerações, com o intuito de reconstruir uma imagem cultural autêntica da região Nordeste e da trajetória de seu povo, o Programa e a emissora marcam por sua presença, em tempos atuais, num meio de comunicação dos mais competitivos e internacionalizados como a televisão, o valor que existe na identificação da cultura popular como elemento de coesão social, de formação das identidades coletivas.

07. Referências bibliográficas

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2011.

BARBERO, Jesús-Martin. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ. 1997

FRANÇA, Vera Veiga. *O “popular” na tv e a chave de leitura dos gêneros*. In: **GOMES, Itania Maria Mota (org.). Televisão e Realidade**. Salvador, Edufba, 2009. P. 223-239.

GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade**. (Trad. Raul Fiker) São Paulo: Editora UNESP, 1991

ORTIZ, Renato. **Românticos e folcloristas**. Cultura Popular. São Paulo: Olho d'Agua, 1992.

SCHMIDT, Cristina. Teoria da Folkcomunicação. In. GADINI, Sérgio Luiz; WOITOWICZ, Karina Janz (Orgs). **Noções básicas de Folkcomunicação: uma introdução aos principais termos, conceitos e expressões**. Ponta Grossa, Editora UEPG, 2007.

TV DIÁRIO. **Programa Memória do Nordeste**. Disponível em:<http://tvdiario.verdesmares.com.br/programas/memoria-do-nordeste>. Acesso em 30 de novembro de 2017.